

La Comédiathèque

Os Turistas

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Os Turistas

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Dois turistas chegam à casa que alugaram para as férias num país do Magrebe, em promoção após a sua recente revolução. Mas a casa já está ocupada por outro casal...

Personagens

Maurício

Diana

Pepe

Carmen

© La Comédiathèque

Acto 1

O terraço de uma casa em algum lugar do norte de África. Uma mesa de jardim. Algumas cadeiras. Duas espreguiçadeiras. Maurício e Diana, um casal burguês de Madrid, chegam, exaustos. Maurício carrega uma mala de rodas Vuitton.

Diana – Finalmente! Vinte minutos desde o aeroporto, vá lá!

Maurício – De helicóptero, talvez...

Diana – Eu disse que deveríamos ter tomado um táxi!

Maurício – Admita que foi bastante pitoresco...

Diana – Pitoresco? Viajar apertados com toda aquela gente naquele camião de gado que aqui chamam de autocarro? Sinto como se ainda cheirasse a cabra...

Maurício – Eu não cheiro nada.

Diana – Duas horas para chegar aqui...

Maurício pousa a mala e admira a paisagem.

Maurício – Chegámos, isso é o principal! E a vista é magnífica. Olha!

Diana olha por sua vez e esboça um sorriso, antes de franzir o cenho novamente.

Diana – Onde está o mar? No site dizia terraço com vista para o mar.

Maurício procura desesperadamente, e finalmente encontra.

Maurício – Ah, sim, ali...

Diana – Não vejo nada... Onde?

Maurício – Mas sim! Totalmente à esquerda. Entre os dois camelos...

Diana – Ah, sim... Inclinando-me um pouco, com bons binóculos...

Maurício (*com um gesto terno*) – Vá lá... O importante é que estamos aqui... Juntos... Para a nossa segunda lua de mel...

Diana (*suavizando-se*) – Tens razão... Dez anos de casamento, percebes? Se tivesses que o fazer novamente, farias?

Maurício – Com os olhos fechados!

Diana – E com os olhos abertos?

Maurício – Verás, tenho a certeza de que estaremos muito bem aqui... De qualquer forma, será sempre mais confortável do que o terminal de baixo custo do aeroporto de Madrid...

Diana – Onze horas de atraso... Alimentados com sanduíches podres. É mesmo um roubo. Dão-te uma intoxicação alimentar antes de embarcar, e no avião até os sacos de papel para vomitar são pagos adicionalmente.

Maurício – Pelo menos, assim, já estamos vacinados contra a diarreia do viajante...

Diana – E pensar que tivemos que meter todas as nossas coisas numa única mala para evitar pagar uma bagagem extra...

Maurício – Viajamos mais leves! Tenho a certeza de que, de outra forma, teríamos trazido um monte de coisas inúteis.

Diana – Que saibas que uma mulher nunca leva nada inútil na sua bagagem. Confundes o inútil com o supérfluo, que é absolutamente indispensável para a felicidade de qualquer mulher. Especialmente durante as férias.

Maurício – E as Seicheles, com a Iberia e num hotel clube, sinceramente... Não é um pouco cliché?

Diana – É onde passámos a nossa primeira lua de mel!

Maurício – Precisamente! Naquela época, as Seicheles ainda eram uma aventura. Agora, está tão fora de moda...

Diana – Para o nosso aniversário de casamento, não me teria importado fazer algo convencional.

Maurício – E pelo menos aqui apoiamos os movimentos de libertação no Magrebe... Viste todos esses cartazes eleitorais a florescer por toda a parte? Esse vento de democracia que sopra no país?

Diana – Sim, bem... Passar as férias numa casa com piscina para reativar o turismo após a revolução... Espero que não te creias o Che Guevara...

Maurício – Ainda assim, se todos optassem por umas férias solidárias...

Diana – As Seicheles não são uma democracia?

Maurício – Nem sei se realmente é um país...

Diana – Então a quem pertenceria?

Maurício – A um operador turístico, talvez.

Olhando em volta.

Diana – Bem... O que fazemos? Esperamos que alguém chegue?

Maurício – Está aberto, olha.

Diana – Pensava que o proprietário estaria aqui no terraço para nos receber, com um traje folclórico, sentado num tapete oriental, com chá de menta... Onde ficou o lendário sentido de hospitalidade nos países árabes? Digo-te, a revolução não trouxe apenas coisas boas. Os velhos costumes estão a perder-se...

Maurício – Pelo menos isso demonstra que não há problema de segurança. Em Madrid, se deixássemos a nossa porta aberta assim... Nem encontraríamos a porta...

Diana – Vamos ver como é por dentro... Só sonho com uma coisa, tomar um duche e mudar de roupa...

Maurício – Eu também.

Entram na casa empurrando as malas. Em seguida, chega outro casal ao terraço, mais vulgar. Pepe veste calções e uma t-shirt publicitária. Carmen, sexy a roçar o vulgar, veste um pareo bastante chamativo. Pepe traz um guarda-sol dobrado e um rádio, e Carmen uma geleira portátil.

Pepe – Ainda bem que trouxemos o guarda-sol e a geleira, porque o sol está forte ao lado da piscina... Estou com uma sede de camelo! Não tens sede, Querida?

Carmen – Beberia o mar se não fosse tão salgado... (*Instalam-se nas espreguiçadeiras, e Carmen estende a mão para a geleira que colocou ao seu lado*) O que queres, Pepe?

Pepe – Uma cervejinha, isso vai-me saber bem...

Ela passa-lhe uma lata e serve-se de uma Coca Light.

Carmen – É a última, teremos que comprar mais.

Pepe – Já?

Carmen – Quantas tomaste desde esta manhã?

Pepe – Quando se ama, não se conta... Achas que aqui encontraremos cerveja?

Carmen – Cerveja sem álcool, talvez.

Pepe – Não, a sério?

Carmen – São muçulmanos.

Pepe – Pergunto-me se não teríamos feito melhor em voltar para a Costa Brava...

Carmen – A Costa Brava... Tornou-se muito chique, não?

Pepe – Em todo o caso, tornou-se muito cara.

Carmen – Achas?

Pepe – Está ainda mais cara do que na Grécia agora!

Carmen – Sem falar da segurança... No ano passado, arrombaram a porta do carro numa estação de serviço mesmo antes de chegarmos, e roubaram-nos toda a bagagem.

Pepe – Sim... Estava um calor na estrada... Eu saí de Madrid de pareo e tu de bermudas. No final, ao chegar lá, não tínhamos nada para vestir.

Pepe – Isso é que é ficar em cuecas.

Carmen – Tive que refazer todo o meu guarda-roupa lá mesmo, lembras-te?

Pepe – A nossa conta bancária, em todo o caso, lembra-se bem.

Carmen – Não, a Costa Brava já não é o que era.

Pepe – E a receção, sinceramente, nem sempre é a melhor, não achas?

Carmen – Como sempre digo, a Catalunha seria muito boa se não fosse pelos catalães.

Pepe – Agora que decidiram querer ser independentes... Quando vamos lá, recebemos como invasores.

Carmen – Se os incomodamos, que digam, vamos de férias para outro lugar.

Pepe – É o que estamos a fazer, não é?

Carmen – Bem... Isso vai ensinar os catalães.

Pepe – Quando a Espanha era uma ditadura, não havia todos esses problemas.

Carmen – Espero que aqui, agora que derrubaram o ditador, continue a ser mais ou menos habitável para os turistas.

Pepe – A democracia não traz só coisas boas. Basta ver como vai em Espanha...

Carmen – É verdade que até agora, eu não era muito fã do Magrebe, mas temos que admitir que a este preço...

Pepe – E além disso, aqui não são realmente árabes, não é?

Carmen – Ah sim? E o que poderiam ser?

Pepe – Não sei... Beduínos...

Carmen – Beduínos? (*Um momento*) E os beduínos não são árabes?

Pepe – Não creio...

Bebem um trago das suas latas, pensativos.

Carmen – Os beduínos, não são os que vivem no deserto?

Pepe – Não sei... Porquê?

Carmen – Mas aqui não estamos no deserto! Estamos junto ao mar.

Pepe – Os beduínos... Esses que andam de camelos, queres dizer? Esses são mais os tuaregues, não?

Carmen – E os tuaregues também não são árabes?

Pepe – Vai-se lá saber.

Carmen – Mas são muçulmanos, não são?

Pepe – Quem?

Carmen – Os beduínos!

Pepe – Ah, sim... Acho que sim...

Carmen – Então, estamos no deserto ou não estamos no deserto?

Pepe – Estamos no deserto, mas junto ao mar. Olha, há um camelo lá, na praia.

Carmen (*bocejando*) – Ainda não me recuperei da viagem.

Pepe – Só estamos aqui há uma hora.

Carmen – Deve ser o fuso horário.

Pepe – O fuso horário? Só há uma hora de diferença, querida! E isso, só no verão...

Carmen – Pois, mas quando não estás habituado...

Pepe – É verdade que já é meio-dia, e nem sequer tenho fome... Bem, enquanto isso, vou fazer uma sesta. Que te parece?

Carmen – Vamos chatear-nos! Estamos de férias, não estamos?

Começam a adormecer... Maurício e Diana voltam ao terraço e não veem imediatamente Pepe e Carmen, adormecidos nas espreguiçadeiras.

Maurício – Então, o que te parece? Não está mal, pois não?

Diana – Um pouco rústico, mas serve.

Maurício – Se pensares que esta gente ainda está a recuperar de uma ditadura de meio século...

Diana – Porquê meio século? Isto era uma democracia há cinquenta anos?

Maurício – Uma monarquia, acho... Não?

Diana – E quem é esse candidato para estas primeiras eleições democráticas?

Maurício – Que candidato?

Diana – Porque há vários?

Maurício – Sim, claro...

Diana – Não sei... O que vemos em todos os cartazes!

Maurício – Ah, o favorito... É o ex-ministro da justiça...

Diana – O ministro da justiça do ditador que acabaram de derrubar?

Maurício – Foi o que li na imprensa, sim...

Diana – E isso não te surpreendeu?

Maurício – O quê?

Diana – Que os ditadores também tenham um ministério da justiça!

Maurício – Tens razão... Na verdade, esta pobre gente nunca conheceu a democracia. Obviamente, vai levar tempo...

Diana – Claro... A democracia é como o bom vinho, melhora com os anos... Mas é necessária uma certa cultura para saber apreciá-la no seu justo valor.

Maurício – Sim. É preciso educar o paladar.

Diana – E o olfato. Tens a certeza de que não cheiro um pouco a cabra?

Maurício – Não mais do que o habitual...

Ela lança-lhe um olhar surpreendido, sem saber bem se ele está a brincar ou não.

Diana – Está tanto calor... Tens razão, afinal, apoiar a revolução sem ar condicionado começa a ser heróico.

Maurício – De qualquer forma, viste? Até puseram bebidas frescas no frigorífico! Tu que duvidavas do sentido de hospitalidade deles...

Pepe emite então um ronco. Maurício e Diana, surpreendidos, finalmente veem o outro casal, ainda adormecido nas espreguiçadeiras.

Diana – O que é isto?

Maurício – Devem ser os proprietários...

Diana – Não têm aspeto de árabes.

Maurício – Talvez sejam cabileños...

Diana – Parecem mais é um pouco tontos.

Maurício – Falam espanhol?

Pepe e Carmen acordam um pouco do seu letargo e olham para os outros dois com olhos arregalados.

Diana – Do you speak English?

Pepe e Carmen recompõem-se.

Pepe – Estávamos a fazer uma sesta...

Maurício – São vocês os donos?

Pepe – Os donos...? Não...

Diana – O que fazes aqui, meu bom homem, se não és o proprietário? Vieste cortar a relva?

Pepe – Pois vivemos aqui!

Carmen – Bem, para as férias...

Maurício – Como? Mas nós alugámos esta casa!

Pepe – Ah, nós também, vos garanto.

Maurício – Já entendi... Estes senhores são os inquilinos anteriores... Estão prestes a ir-se embora, não?

Carmen – De maneira nenhuma! Acabámos de chegar.

Pepe – Estamos aqui por uma semana. E vocês?

Maurício – Nós também...

Diana – Mas isto não é possível, Maurício, faz alguma coisa...

Maurício – Deve ser um mal-entendido. O proprietário vai chegar e resolver isto. Vocês viram o proprietário?

Pepe – Não, e vocês?

Maurício – Ainda não.

Carmen – Chegámos há uma hora de táxi.

Diana – Estás a ver! Se tivéssemos apanhado um táxi, teríamos chegado primeiro...

Pepe – Como estava aberto, entrámos.

Carmen – Nem sequer desfizemos as malas ainda.

Diana – Pois assim, vão-se embora mais depressa!

Pepe – Só tivemos tempo para dar um mergulho na piscina, nus.

Carmen – Não pensámos que íamos ter companhia...

Diana (*falando de Pepe*) – A cara dele é-me familiar...

Maurício (*envergonhado*) – A mim também... Devemos tê-los visto no avião.

Diana – Talvez sejam sem-tetos...

Maurício – Bom, vou ligar ao proprietário. (*Maurício tira o smartphone sob o olhar atento dos outros três*) Não há rede...

Pepe – Não me surpreende, estamos em pleno deserto!

Carmen – O dono há de vir.

Pepe – Bem... Ninguém morreu, afinal de contas.

Carmen – A casa é grande! (*A Pepe*) Vês? Tu que tinhas medo de te aborrecer sozinho comigo. Agora tens um amigo...

Pepe – Normalmente, sempre vamos de férias com amigos, mas desta vez não estavam disponíveis...

Carmen – Morreram os dois num acidente de carro há dois meses...

Pepe – Ficámos bastante abalados, claro.

Carmen – Passávamos as férias juntos há anos.

Pepe – Tinham um apartamento na Costa Brava.

Carmen – Convidavam-nos todos os anos em agosto.

Pepe – Tivemos que procurar outra coisa urgentemente.

Carmen – Em agosto, já podes imaginar...

Pepe – Então optámos pelo Magrebe.

Carmen – Como estava em oferta...

Pepe – No final, é um pouco a mesma coisa que a Costa Brava, não é?

Carmen – Em vez de comer paelha, comemos cuscuz, e pronto.

Pepe – Trocas o arroz por sêmola, no final, é a mesma coisa, não é? E quanto mais formos, melhor nos divertimos...

Carmen – Pois a nós, a companhia não nos incomoda. Não é, Pepe?

Maurício e Diana parecem atordoados por esta conversa.

Diana (*à parte para Maurício*) – Achas que deveríamos chamar a polícia? Não me parecem muito fiáveis...

Pepe – E se tomássemos um aperitivo enquanto isso? Querida, por que não trazes as azeitonas?

Carmen – Vou, meu amor.

Carmen entra na moradia.

Pepe – Já não tenho cervejas. Mas temos uma garrafa de tinto e umas latas de Coca-Cola. Um jardim, apetece-vos?

Diana – Um quê?

Pepe – Com este calor, um jardim bem fresquinho...

Diana (*à parte para Maurício*) – Isto é um pesadelo... Não entendo nada do que ele diz...

Maurício – É vinho tinto com cola.

Diana – Que horror!

Pepe serve as bebidas. Carmen volta com as azeitonas.

Carmen – E aqui tens algo para petiscar!

Pepe levanta o copo.

Pepe – Vá lá, à vossa saúde!

Carmen – Vamos, peguem nas azeitonas...

Pepe – Já conhecem o país?

Diana – Como puderam alugar duas vezes a mesma moradia?

Maurício – Pois isso...

Diana – Têm o contrato de aluguer?

Pepe – Ah, sim, aqui está... (*Entrega o contrato de aluguer a Diana*) Senhor e Senhora Martín... Aqui diz...

Diana – Senhor e Senhora Martín!

Pepe – Mas podes chamar-me Pepe...

Carmen – E a mim, Carmen.

Maurício – Temos o mesmo apelido...

Pepe – O quê...?

Diana – Nós também nos chamamos Martín! Deve ser por causa da homonímia...

Carmen – Ah, sim?

Pepe – Bem, sabem o que dizem? Há mais de um burro que se chama Martín!

Diana – Nunca ouvi esse ditado...

Pepe – Era o que o meu professor sempre dizia na escola... Éramos dois com o mesmo apelido na turma. Mas o outro, era um bom aluno! Sempre com as melhores notas. Não serias tu, pois não? Pareces-te um pouco.

Maurício – Ah, não creio...

Pepe – Ei, querida, não achas que ele se parece um pouco com o Momo? Conheceste o Momo!

Carmen – Não...

Pepe – Sim! Mohamed!

Carmen – Ah, sim! Mohamed Martín.

Pepe – Preferia que o chamassem Momo, porque tinha um pouco de vergonha do nome.

Carmen – Era um rapaz do orfanato, sabem? Mas como já tinha três anos quando foi adotado, os pais deixaram o nome original.

Pepe – Íamos juntos à escola, com o Momo. No liceu Gagarin!

Carmen – De facto, foi lá que nos conhecemos, não foi, Pepe?

Pepe – Gagarin! O professor sempre me dizia: quando colocarmos os idiotas em órbita, não vais parar de girar!

Carmen – Tens razão, Diana. Deve ser por essa homofobia...

Diana – Perdão?

Carmen (*a Maurício*) – Martín! Devem ter pensado que o meu marido e tu eram o mesmo casal...

Pepe – Pois é... Temos o mesmo nome... Quem sabe, talvez sejamos primos.

Carmen – Olhem, a casa é grande. E estamos quase em família. Porque não passamos as férias juntos?

Diana – Juntos?

Pepe – Partilhamos o aluguer!

Carmen – E para a comida, fazemos um fundo comum.

Pepe – Como com os nossos amigos.

Maurício – Os vossos amigos?

Carmen – Os que morreram no acidente!

Pepe – O que vos parece?

Carmen – Já é bastante barato... Assim, dividido por dois...

Pepe – A este preço, custa menos vir aqui do que ficar em casa a ver televisão, isso é certo.

Carmen – Se ao menos houvesse coisas boas na televisão!

Diana (*a Maurício com ironia*) – Pois já está... Tu que querias poupar, conseguiste... Mas vá lá, diz alguma coisa...

Maurício – Por enquanto, de qualquer forma, não há outra solução...

Diana – Obrigada, é exatamente o que esperava que dissesse... Mas não sei, deve haver hotéis por aqui, não?

Pepe – Ui... Não há grande coisa, não é? Pelo que vimos desde o táxi até aqui. É tudo deserto.

Carmen – Além de algumas tendas de beduínos...

Pepe – E a senhora, como se chama?

Maurício – Martín, já vos disse. É a minha esposa. Ambos nos chamamos Martín.

Diana (*à parte para Maurício*) – Eles são atrasados, não pode ser...

Pepe – Não, quero dizer o teu nome próprio.

Diana – Diana. Chamo-me Diana.

Pepe – Vale... E então ele, é Maurício. Olha, que engraçado. Maurício. Momo! Como o meu amigo da escola. Mas bem, ele não era Maurício, não é?

Carmen – Ponho-vos outro aperitivo?

Maurício – Não, obrigado...

Pepe – E a que te dedicas, Momo?

Maurício – Eh, sou jornalista...

Pepe – El País? La Vanguardia?

Maurício – Revista Internacional de Golfe.

Pepe – Ah, está bem... Grande repórter, então... (*A Diana*) E tu, minha linda?

Diana – Sou pintora.

Carmen – Pintora? Ah, não é muito comum para uma mulher.

Pepe (*a Carmen*) – Querida, que querias reformar a cozinha, devias pedir-lhe um orçamento.

Diana – Eh... Não, eu... Não pinto cozinhas...

Carmen – Ah, não? E o que pintas então?

Diana – Vacas, principalmente.

Carmen – Vacas?

Diana – Bezerros também, às vezes.

Maurício – A minha mulher é artista pintora.

Diana – Pintora de animais.

Pepe – Ah, está bem... E especializaste-te em bovinos?

Carmen – Pois não é muito afortunado, porque por aqui... Além de camelos.

Diana – Estamos de férias...

Carmen – É engraçado. Nunca tinha conhecido uma artista pintora. Poderias fazer o meu retrato?

Pepe – A senhora disse-te que só pinta vacas...

Diana – E tu, Pepe?

Pepe – Trabalho no setor dos congelados.

Diana – Ah, está bem... Daí a camisola, imagino...

Maurício – E tu, Carmen, a que te dedicas?

Carmen – Eu? Neste momento, trabalho num salão de massagens.

Maurício (*interessado*) – Um salão de massagens...?

Pepe – Querida... Já te disse que o termo correto é fisioterapeuta...

Carmen – Salão de massagens é mais simples, não?

Pepe – A minha mulher é secretária médica...

Carmen – Tenho a certeza de que vamos encontrar imensas coisas em comum.

Diana – Além do nosso nome, queres dizer...

Pepe – Bem, querida, preparas o jantar? Já estou com fome...

Carmen – Vão jantar connosco?

Pepe – Não sei se...

Diana – Tudo isto vai resolver-se muito rápido... Não vamos começar a ganhar hábitos...

Carmen – Não se preocupem, eu trato dos pratos...

Diana – A sério, é muito amável, mas vamos procurar um pequeno restaurante por aqui...

Maurício – Hoje é o nosso aniversário de casamento...

Pepe – Ah, nesse caso... Não vamos ser um incómodo, pois não, Carmen?

Saem.

Diana – Tinhas mesmo que lhes dizer que era o nosso aniversário de casamento?

Maurício – Foi a única coisa que me ocorreu para recusar o convite deles...

Diana – Juro... Teríamos feito melhor indo para as Seicheles... Para preparar a próxima revolução...

Maurício tenta ligar novamente pelo telemóvel.

Maurício – Continua sem rede...

Diana – Diz-me que isto é um pesadelo e que vou acordar...

Maurício – É melhor ver o lado positivo...

Diana – Ah, sim? E qual é o lado positivo?

Maurício – De outra forma, nunca teríamos passado a noite com gente de Vallecas...

Diana – Viemos para conhecer os locais daqui, não os subúrbios populares de Madrid... Como sabes que são de Vallecas?

Maurício – Não sei, disse-o assim sem mais.

Diana – Bem, o que fazemos?

Maurício – Além de esperar...

Diana – Ah, não, de nenhuma maneira passo uma noite nesta casa com esses dois idiotas! Sabes qual é o teu problema, Maurício? És um frouxo!

Maurício – Tens outra solução?

Diana – Não sei! Vê na mala se temos o número da agência em Madrid!

Maurício traz a mala e tenta abri-la com uma chave.

Maurício – Não consigo abrir.

Diana – Deixa-me ver...

Ela também tenta sem sucesso.

Maurício – Parece que não é a chave certa.

Diana (*horrorizada*) – É a chave certa... mas não é a mala certa!

Maurício – O quê? Mas é a nossa mala Vuitton!

Diana – Esta é autêntica.

Maurício – A nossa não era autêntica?

Diana – Devemos ter-nos enganado ao apanhar a mala na passadeira do aeroporto...

Maurício – Como é que nos enganamos?

Diana – Foste tu que apanhaste a mala! Era demasiado pesada para mim! Não viste que esta era autêntica?

Maurício – Não sabia que a nossa era falsa!

Diana – Além disso, pus uma fita vermelha à volta da asa para a reconhecer...

Maurício – Toda a gente põe uma fita vermelha para reconhecer a sua mala!

Diana – Agora não temos nada!

Maurício – Nada?

Diana – Só a roupa suja que estamos a usar...

Maurício – Pelo menos temos os nossos passaportes... Os nossos cartões Visa... *(Ela lança-lhe um olhar que diz tudo)* Não?

Diana – Depois de passar pela alfândega, meti a carteira com todos os nossos documentos num bolso exterior da mala...

Maurício – Estás a brincar?

Diana – Disseste-me que não havia problema de segurança neste país... As boas coisas de cinquenta anos de ditadura... Que até se podia deixar as portas abertas...

Maurício – E então?

Diana – Pois resulta que os nossos papéis não estão no bolso exterior desta mala...

Maurício – Isso significa que devo ter apanhado a mala certa na passadeira...

Diana – A passadeira...

Maurício – Sim, bem, a passadeira do aeroporto. E a troca ocorreu depois, no hall do aeroporto. Quando te deixei sozinha com a bagagem enquanto procurava um táxi...

Diana – Agora a culpa é minha, não é?

Maurício – Diz-me a verdade, Diana. Deixaste a mala sem vigilância nem por um momento?

Diana – Não, garanto-te! Bem... Fui à casa de banho rapidamente... Uma emergência... Claro que não podia entrar na cabine com a mala...

Maurício – Ah, percebo...

Pepe e Carmen voltam para pôr a mesa, com duas latas sobre dois pratos e uma garrafa de vinho.

Pepe – Por que essas caras?

Maurício – Não é a nossa mala.

Diana – Roubaram-nos a nossa.

Carmen – É curioso, disseram-nos que aqui não havia problemas de segurança.

Diana – Com todos os nossos cheques de viagem dentro...

Carmen – Cheques de viagem...

Pepe – Ainda existem?

Diana – Já não temos nem um cêntimo...

Maurício – Nem sequer temos para comer...

Carmen – Bem, agora não têm outra opção.

Diana – Outra opção?

Pepe – Para aceitar o nosso convite para jantar! Cuscuz! Cuscuz! Vais pôr mais dois talheres, querida?

Diana – O que é isto?

Pepe – Cuscuz.

Maurício – Em lata?

Carmen volta com dois pratos e mais duas latas.

Carmen – Disseram-nos que aqui era melhor desconfiar dos produtos frescos...

Pepe – Pela diarreia do turista...

Carmen – O nosso médico avisou-nos antes de partirmos... Só conservas...

Maurício – Cuscuz em lata... Bem, sim, vá lá...

Pepe – Sim, em lata, mas é de produção local...

Diana – Encontra-se cuscuz em lata neste país? É realmente revolucionário...

Carmen – Ah, neste país, não sei...

Pepe – Para exportação, pelo menos.

Carmen – Encontrámos isto no Alcampo, lá em Vallecas...

Diana – Pois olha, Maurício, tinhas razão. São de Vallecas.

Pepe – E atenção... é cuscuz de comércio justo!

Maurício e Diana ficam boquiabertos.

Carmen – Acho que é fabricado precisamente neste país.

Pepe – Está escrito na lata. Fabricado por mulheres numa conserva que respeita os direitos humanos.

Diana – A tua maneira de apoiar a Primavera Árabe...

Pepe (*para Maurício*) – É curioso, a tua cara realmente me é familiar...

Diana – Entretanto, não temos nada para vestir.

Pepe – Nem sequer um fato de banho para ir à piscina.

Carmen – Posso emprestar-vos um, se quiserem! Embora, na verdade, não tenha a certeza se tenho outro... Preferimos não carregar muito... Já levamos todas as nossas provisões para a semana...

Diana – Ótimo... Um fato de banho para dois... Vamos nadar por turnos... (*Para Maurício*) Ou todos nus na piscina com os nossos novos amigos... Certo, Maurício?

Carmen – Queres que te empreste um vestido?

Diana – Não tenho a certeza se temos exatamente o mesmo tamanho... Mas vamos tentar abrir aquela mala. Talvez encontremos algo lá dentro para mudar de roupa...

Carmen – Então esperamos por vocês para comer o cuscuz...

Escuro.

Ato 2

Maurício e Diana regressam vestidos à oriental: djellaba e babuchas para ele, traje de dança do ventre para ela. Pepe e Carmen abrem os olhos, surpreendidos.

Carmen – Ei! Não dissemos que era uma noite de disfarces!

Pepe – Nos clubes de férias, são os animadores que fornecem os disfarces. Aqui não tínhamos planeado nada...

Diana – Não conseguimos abrir a mala, mas encontrámos isto num armário...

Pepe – E vocês já não têm passaportes? Vestidos assim, não vos deixarão voltar a Madrid.

Carmen – Mas vão lá, estão muito bem assim!

Pepe – E que tal se nos fazem um número de dança do ventre no final do jantar, Diana?

Diana (*magoada*) – Nos teus sonhos...

Carmen – Servo-vos?

Carmen serve colocando uma lata de cuscuz em cada prato.

Diana – Pelo menos, as porções também são equitativas...

Maurício – Não parece tão mau.

Carmen – A fome é o melhor dos temperos. A minha mãe sempre dizia isso.

Começam a comer.

Pepe – Um pouco de vinho?

Diana – Sem cola, por favor.

Pepe – Diz-me, Momo, vês muito mundo com o teu trabalho?

Maurício – Oh, sabes como é, não há muita diferença entre um campo de golfe e outro. Às vezes apenas varia o número de buracos...

Carmen – É curioso... Como se chega a ser jornalista numa revista de golfe?

Pepe – És apaixonado por golfe?

Maurício – O pai da minha esposa é o chefe do jornal.

Pepe – Ah, percebo...

Diana – Interessa-te por golfe?

Carmen – Mais futebol do que golfe, não é verdade, querido?

Diana – Suponho que também não és muito apaixonado pela pintura de animais... (*À parte para Maurício*) Não vai ser fácil aguentar até à sobremesa...

Pepe serve mais vinho.

Carmen – Esta história das malas é incrível...

Pepe – Bem, se me tivessem trocado a minha por outra, não tenho a certeza se teria saído a perder...

Carmen – E o que havia naquela que recuperaram?

Maurício – Já te disse, não conseguimos abri-la.

Pepe – Veremos mais tarde...

Carmen (*animada*) – Nenhuma fechadura resiste ao Pepe. Não é verdade, querido?

Pepe – Ela acha graça porque nos conhecemos num clube de encontros...

Diana – Pensava que se tinham conhecido na escola.

Pepe – Ah, não, mas na escola ainda não saíamos juntos, foi só depois disso...

Carmen – Cada rapariga tinha um cadeado, sabem do que estou a falar...

Pepe – E cada rapaz tinha uma chave. O objetivo era encontrar a fechadura certa.

Carmen – O Pepe não tinha a chave certa, mas mesmo assim conseguiu abrir o meu cadeado. Ele é muito habilidoso, sabes?

Maurício está um pouco desconfortável. Diana prefere continuar com seus pensamentos.

Diana – Embora não tenha a certeza se é correto bisbilhotar na mala de alguém que não conhecemos...

Carmen – Bem, vamos passar à sobremesa então.

Carmen levanta-se.

Carmen – Não, por favor, fiquem sentados... Ajuda-me a arrumar, querido?

Pepe e Carmen saem.

Diana – E se forem eles?

Maurício – O quê?

Diana – A mala! Talvez tenham sido eles que nos roubaram a nossa mala!

Maurício – Mas não há nada valioso na nossa mala Vuitton. E além disso é falsa! Por que nos trocariam por uma autêntica?

Diana – Não sei! Para nos pregar uma partida!

Maurício – Achas mesmo que seriam capazes de uma brincadeira tão sofisticada?

Diana – Vou verificar discretamente se a nossa mala está no quarto deles.

Maurício – Não sei se é uma boa ideia...

Pepe e Carmen regressam e cruzam-se com Diana saindo.

Carmen – Para onde vais? Vamos comer os lukums!

Diana – Só vou refrescar um pouco.

Pepe ri novamente ao ver os seus trajes orientais.

Pepe – Então, salam alukum, irmão Momo! Dizem que os árabes têm dificuldades em integrar-se no nosso país, mas vocês, campeões da integração! Se não vos deixarem voltar a Espanha, só resta aprender a língua do país e pedir asilo político aqui...

Maurício tenta manter a compostura. Diana sai.

Carmen – Deixa de o incomodar.

Pepe – Temos de rir um pouco, não é?! Estamos de férias! De qualquer forma, é engraçado... É a cara chapada do Momo.

Carmen – Mohamed Martin...

Pepe – Todos gozavam com ele por causa disso...

Carmen – Quando ele começava a gaguejar.

Pepe – Tens a certeza de que nunca viveste em Vallecás, Maurício?

Maurício (*gaguejando*) – Não, não, eu... Eu... Eu não cre... Creio que... Na verdade, eu... Eu chamo-me Mau... Eu chamo-me Mau... Eu chamo-me Maurício, garanto-vos.

Pepe – Momo, és tu?

Carmen – Não é verdade... Mohamed Martin... Mas sim, é ele!

Maurício – É que... Minha esposa não sabe... Nos conhecemos na universidade... Eu ganhei uma bolsa e...

Pepe – E agora te chamas Mauricio...

Maurício – Pedi para mudar meu nome... Mas preferiria que isso ficasse entre nós, certo?

Carmen – Certo... Mauricio...

Diana retorna.

Diana – E pronto...

Carmen – Me ajuda a arrumar, querido? Vou preparar um chá de menta...

Saem trocando olhares cúmplices.

Maurício – Então...

Diana – Nossas coisas não estão no quarto deles... Eles têm duas malas. Uma cheia de roupas e a outra cheia de latas de cuscuz...

Maurício – Não estava tão ruim, na verdade... para cuscuz enlatado.

Diana – É suspeito, não é?

Mauricio – O quê?

Diana – Uma mala cheia de latas de cuscuz... Talvez sejam traficantes?

Mauricio – Traficantes de cuscuz enlatado?

Diana – E se essas latas contiverem algo mais...

Mauricio – Como o quê?

Diana – Não sei... drogas...

Seus olhares se voltam simultaneamente para Pepe e Carmen, que acabam de voltar.

Pepe – Pronto, a louça está feita!

Diana – Sim... A vantagem das conservas é que a louça se lava rápido.

Diana – Principalmente quando se come diretamente da lata.

Pepe – Mas isso não resolve o vosso problema de mala.

Mauricio – Por agora, não vejo o que podemos fazer...

Diana – Quando a pessoa perceber o erro, quem levou nossa mala certamente nos contactará...

Pepe – Tinha o vosso endereço na mala?

Mauricio – Nosso endereço na Espanha, sim.

Diana – Em Madrid.

Carmen – Não vai adiantar muito se o cara enviar a mala de volta para a Espanha...

Pepe – E na mala que têm, há algum endereço? Algum número de telefone?

Mauricio traz a mala.

Mauricio – Não...

Diana – Talvez por dentro?

Mauricio – Não temos a chave para abrir.

Pepe – Isso não é problema... (*Olhando divertido para Mauricio*) Ei, Ali Babá. (*Crocheta a mala com um garfo*) Abre-te, Sésamo! E pronto!

Finalmente a mala abre. Consternação geral.

Mauricio – O que é isso?

Pepe – Parecem notas de banco...

Carmen – Com medo de não ter dinheiro suficiente para a vossa estadia...

Diana – De qualquer forma, não são euros.

Mauricio – Nem a moeda local...

Pepe – É uma escrita estranha.

Diana – Parece cirílico.

Pepe – O que é isso?

Mauricio – Deve ser rublos...

Diana – Meu Deus...

Carmen – Quem vai de férias para o Magrebe com uma mala cheia de rublos?

Diana – A máfia russa.

Mauricio – Deve ser dinheiro sujo.

Pepe – Por isso a troca de malas...

Diana – O quê?

Pepe – Eu vi num filme. Usaram-nos como mulas!

Diana – Mu... mulas?

Carmen – Não só há um burro chamado Martín...

Pepe – Para passar pela alfândega!

Mauricio – Vocês acham?

Diana – Mas então, o que vamos fazer? Temos que nos livrar desse dinheiro de alguma forma...

Pepe – Sim, mas o problema é que esses tipos provavelmente vão querer recuperar a grana deles... Normalmente, eles não têm muito senso de humor...

Diana fecha precipitadamente a mala.

Diana – Têm razão. É melhor agirmos como se nunca tivéssemos aberto esta mala e não soubéssemos de nada.

Mauricio – E se o tipo que nos alugou a casa estiver envolvido nisso?

Pepe – É verdade que já é estranho não o termos visto ainda, o proprietário.

Diana – E se ele fizer parte de algum grupo terrorista islâmico...

Pepe – O que é que os islamistas fariam com uma mala cheia de rublos?

Diana – Talvez estejam sendo financiados pelos chechenos. Eles também são muçulmanos...

Carmen – Caraças! Se soubéssemos que havia chechenos por aqui, nunca teríamos vindo...

Pepe – Calma, querida, é apenas uma possibilidade. *(Para Diana)* Realmente achas que podem vir esta noite nos cortar como cordeiros?

Carmen (*chorando*) – E pensar que viemos aqui para umas férias tranquilas... Tinha razão, Pepe, devíamos ter ficado na Costa Brava...

Silêncio.

Diana (*para Mauricio*) – E quem nos garante que não são eles?

Carmen – Nós?

Diana – Chegamos aqui e já estão eles. E que coincidência que têm o mesmo sobrenome que nós! Não os conhecemos, pode ser que sejam eles os encarregados de recuperar a mala! Pode ser que nos cortem esta noite!

Mauricio – São compatriotas, afinal...

Diana – Compatriotas? Eles vivem em Vallecas! Está cheio de mesquitas por lá.

Mauricio – Já estive alguma vez em Vallecas?

Diana – Vi num reportagem na televisão...

Pepe – Ai, senhora, é preciso acalmar-se um pouco aqui.

Carmen – Os convidamos para comer cuscuz connosco e nos tratais de islâmicos...

Pepe – Vocês nos meteram nesta encrenca!

Carmen – É verdade. Nós não pedimos nada!

Pepe – Chegam à nossa casa assim, com ares de grandeza.

Carmen – E aqui estamos na Guerra do Golfo!

Diana – Na casa deles? Mas isto é a nossa casa! Não é, Mauricio? Diz algo, por favor!

Mauricio – Sim, bem... Não é momento para ficarmos zangados... Devemos manter-nos unidos...

Pepe – Pois eu digo: resolvam vocês sozinhos! Vocês ficaram com a mala, não é? Nós não temos nada a ver com isso. Vou cuidar dos meus assuntos. Vens, querida? Mas vamos, a sério...

Pepe e Carmen saem. Mauricio e Diana ficam ali, bastante desconcertados.

Diana – Acho que seria melhor estabelecer turnos de vigília durante a noite...

Escuro.

Ato 4

Mauricio e Diana, que claramente passaram a noite no terraço, acordam com a chamada para a oração do muezim.

Diana – Estamos vivos ainda?

Mauricio – Acho que sim.

Diana – E a mala ainda está lá?

Mauricio – Sim...

Outra chamada do muezim.

Diana – O que é isso?

Mauricio – A chamada para a oração...

Pausa.

Diana – E se isso fosse um presente do céu...

Mauricio – O quê?

Diana – Afinal, se ninguém reclamar esse dinheiro em um ano e um dia... poderíamos dizer que ganhamos na lotaria.

Pausa.

Mauricio – Qual é a taxa de câmbio do rublo...?

Diana – Não sei, mas quando se tem uma mala cheia... certamente se tem o suficiente para viver.

Mauricio – Mas ainda assim, teríamos que conseguir levar todos esses rublos de volta para Espanha...

Diana – Podíamos usar as caixas de cuscuz vazias...

Mauricio pega uma caixa vazia que está jogada ali e a examina.

Mauricio – A data de validade está vencida... Deve ter sido comprado em promoção. Por isso compraram todo um estoque...

Diana – Esta história não é comum.

Mauricio – Não...

Diana – E se fosse uma armadilha? Tipo câmera escondida, sabe? O tipo de programa onde enganam famosos com histórias impossíveis.

Mauricio – Mas nós não somos famosos...

Diana – Teríamos que verificar se não há uma câmara por aqui. (*Começa a procurar*)
Ou pessoas escondidas nos observando e rindo de nós.

Ela olha para a escuridão em direção ao público, sem ver nada.

Mauricio – Isso significaria que Pepe e Carmen são atores...

Diana – Por que não?

Mauricio – Acredite, tenho boas razões para pensar que não é assim...

Pepe e Carmen chegam, ele de pijama e ela de robe.

Diana – Tens razão... Nem os melhores atores poderiam interpretar tão bem o papel de caipiras...

Carmen – Dormiram bem?

Diana – Na verdade, não tanto.

Carmen parece encorajar Pepe a dizer algo.

Pepe – Bem, desculpem pelo que aconteceu ontem à noite... Deixei-me levar um pouco.

Carmen – Meu marido é um pouco impulsivo...

Mauricio – Não é nada, garanto-vos...

Diana – Acho que vou refrescar-me um pouco...

Mauricio – Eu também...

Carmen – Preparei café. Esperamos-vos para o pequeno-almoço?

Mauricio e Diana sorriem e saem.

Pepe – Eles deixaram a mala aqui...

Carmen – Não é muito prudente...

Um momento de silêncio.

Pepe – Pena que sejam os únicos a beneficiar desse espólio...

Carmen – Com certeza...

Pepe – Por que não teríamos direito à nossa parte também?

Carmen – É verdade que nós precisaríamos mais...

Pepe – É como a lotaria... Sempre ganham aqueles que menos precisam.

Carmen – Os velhos, os ricos...

Pepe – Ou aqueles que são tão pobres que não sabem o que fazer com tanto dinheiro...

Carmen – Sim... E gastam tudo e acabam mais pobres do que já eram...

Pepe – Eu saberia muito bem o que fazer com todo esse dinheiro, acredita...

Carmen – Sim, mas aquela mala é deles...

Pepe – Deles? Haha! Caiu-lhes do céu, é isso. E se a nós nos tivessem usado como mulas...

Carmen – Tens razão... Não é só um burro chamado Martín...

Pepe – De certeza que há uma maneira de...

Carmen – De quê?

Mauricio e Diana regressam.

Carmen – Um pouco de café?

Mauricio – Pensámos bem. Vamos avisar a polícia e que eles resolvam. É mais seguro.

Pepe – Se fosse eu, não faria isso...

Diana – Porquê?

Pepe – Nestes países, já sabem como é...

Diana – É verdade que há umas semanas por aqui, a polícia ainda torturava os opositores ao regime...

Pepe – Imagina se chegam e vos encontram aqui vestidos como talibãs com a vossa mala cheia de rublos... Vão-vos tomar por membros da Al Qaeda.

Mauricio – Acreditam nisso...?

Pepe – No mínimo, correm o risco de apodrecer na prisão durante anos antes que alguém se digne a resolver o vosso caso.

Carmen – Um caso bastante enrolado... Até eu já não tenho a certeza se entendi tudo...

Diana – Devíamos queimar tudo! Se é dinheiro sujo...

Pepe – Mas se esses desgraçados vêm reclamar o dinheiro deles...

Diana – Por agora, ninguém veio.

Pepe – Talvez estão à espera de um momento mais oportuno.

Carmen – Sim... Não é Ramadan nestes dias?

Mauricio – Então, o que fazemos?

Pepe – Esperamos mais um pouco, a ver se aparece o dono?

Mauricio – O dono da casa?

Pepe – O dono do dinheiro!

Carmen – A máfia chechena!

Mauricio – Pode ser que tenhas razão... E tu, Diana, o que achas?

Diana – Sinceramente, já não sei bem o que pensar.

Carmen – Bem, vou fazer mais café.

Pepe – Deixa estar, já vou eu...

Carmen – Tens a certeza de que te desenrascas?

Pepe – Claro! Tu estás de férias afinal. Descansa um pouco, carinho...

Pepe sai. Os outros três ficam ali, perdidos nos seus pensamentos. O telefone de Carmen toca.

Carmen – Sim? Agora passo-te... *(Para Diana)* É para ti. Um tipo com sotaque belga...

Diana – Sim? *(O seu rosto descai)* Combinado... Não, não... Está bem... Vamos seguir as instruções dele...

Ela devolve o telemóvel a Carmen, com o rosto desfeito. Mauricio e Carmen olham-na interrogativamente.

Diana – Era eles...

Carmen – Eles? Quem são eles?

Pepe volta.

Pepe – Carinho? Não encontro os filtros de café... *(Ao ver as caras dos outros)* O que se passa?

Diana – Um tipo ao telefone com um sotaque estranho. Diz que tem a nossa mala...

Mauricio – E então?

Diana – Propõe uma troca...

Carmen – Uma troca de reféns?

Diana – Uma troca de malas!

Pepe – Como assim?

Diana – Temos de deixar a mala no terraço, entrar em casa e o tipo virá trocar a verdadeira por uma falsa.

Carmen – Uma mala falsa?

Diana – A nossa.

Mauricio – Isto parece tirado de um filme de espões barato...

Diana – Ele insistiu para que não haja testemunhas.

Mauricio – Mas por que ligou para o telemóvel da Carmen?

Carmen – Não é a primeira vez que nos confundem... Deve ser por causa da homofobia de novo...

Pepe – Acho melhor fazermos o que eles dizem... Esses tipos geralmente não brincam...

Diana – Sem testemunhas...

Carmen – Talvez nos matem de qualquer maneira. Depois de recuperarem a mala. Tudo por sua culpa!

Mauricio – Ei, nós não pedimos nada!

Carmen – Talvez nunca mais voltemos a ver Vallecas...

Pepe – Não se preocupe, querida. Se fizermos exatamente o que nos pedem, tenho certeza de que tudo vai dar certo.

Carmen agarra a garrafa de vinho tinto.

Carmen – Acho que preciso de um gole para me acalmar um pouco.

Diana faz o mesmo, servindo-se de uma bebida.

Diana – Eu também...

Escuro.

Ato 4

Na penumbra, um homem com djellaba e capuz levantado chega cautelosamente para pegar a mala. Carmen aparece por trás e o golpeia com o guarda-sol. O homem cai. A luz retorna.

Carmen – Vinde! Vinde! Peguei ele!

Mauricio e Diana também chegam. O homem está inconsciente. Carmen tira o capuz dele.

Carmen – Pepe!

Diana – Viste? O que eu disse? Eram eles!

Mauricio – Então, por que sua esposa o bateu?

Pepe recupera a consciência.

Pepe – Ok, admito... Só queria recuperar a grana...

Carmen – Mas por que não me disseste nada?

Pepe – Tive medo de que não concordasses...

Carmen – Ah, mas, Pepe... Machuquei-te muito pelo menos?

Diana – O filho da mãe.

Carmen – Ei, cuidado com teu linguajar, garota. Estás falando do meu homem, entendeste?

Mauricio – E o que teríamos feito se o tipo que ligou realmente viesse recuperar o dinheiro?

Pepe – Fui eu quem ligou.

Carmen – Ah, entendi...

Diana – Merece que lhe dê uma boa surra, não é, Mauricio?

Pepe – Tenta, Momo.

Mauricio – Somos pessoas civilizadas, certo? E estamos em um país que está apenas começando a se recuperar da democracia. Não vamos recorrer à violência...

Pepe – Tudo bem, mas ainda queremos nossa parte do tesouro.

Diana – Que parte?

Pepe – Metade. Ou então, conto tudo. Certo, Momo?

Diana – Contar o quê?

Mauricio – Vou te explicar, querida... Bem... Ok, vamos fazer uma divisão justa...

Carmen – É isso mesmo. Como com o cuscuz.

Mauricio abre a mala e eles examinam de perto as notas.

Carmen – Mas isso não é cirílico, é grego.

Pepe – São dracmas!

Diana – Como sabes disso?

Carmen – Nos achas analfabetos ou quê?

Pepe – Meus pais passaram umas férias na Grécia justo antes da mudança para o euro, trouxeram algumas notas. Lembro-me perfeitamente. Olha, até o Coliseu está desenhado!

Diana – Queres dizer o Partenon, suponho...

Carmen – Mas o que é que uns mafiosos russos estariam a fazer num país do Magrebe com uma mala cheia de dracmas?

Pepe – Serão notas falsas?

Diana – Quem seria tão tolo de falsificar dracmas décadas depois da mudança para o euro?

Mauricio – Eles têm uma mala cheia de cuscuz enlatado vencido!

Diana – Talvez ainda consigamos trocar por euros.

Carmen – Não, infelizmente, não desde 1 de janeiro de 2002.

Mauricio – Tens certeza?

Pepe – Meus pais guardaram as notas durante alguns anos, pensando que um dia voltariam de férias à Grécia. Quando finalmente decidiram trocá-las, era tarde demais. Então, deram-nos.

Carmen – Em casa, usamos essas notas por anos para jogar Monopólio. Por isso as conhecemos tão bem.

Diana – Sim, mas agora temos dinheiro suficiente para comprar o Paseo del Prado.

Mauricio – E pensar que quase nos matávamos uns aos outros...

Suspiro geral.

Carmen – Por quê tudo isso?

Pepe – Por dinheiro que já não vale nada. (*Pepe serve os copos*) Vamos, vamos brindar! Isso vai nos acalmar.

Eles brindam.

Carmen – Como minha mãe sempre dizia: dinheiro não traz felicidade.

Diana – Não os dracmas, com certeza. Especialmente quando já não podem ser trocados...

Mauricio – Ninguém virá reclamar esse dinheiro, é óbvio.

Carmen – Tudo está bem quando termina bem.

Um momento.

Diana – Bem, vou ligar para o consulado sobre a perda da nossa mala, para ver o que nos propõem.

Mauricio – Eles vão nos dar documentos provisórios para voltar a Espanha.

Diana – E nos adiantarão algum dinheiro.

Carmen – Se não, nós vos emprestaremos.

Pepe – Entre Madrilenos, no estrangeiro, é preciso apoiar. Olha, Momo, vou começar a te dar roupas, não pode se vestir assim... e nem eu.

Diana sai para ligar, seguida por Pepe e Mauricio que vão se trocar.

Carmen – Bem, eu vou arrumar um pouco.

Carmen procura uma estação de rádio.

Locutor – As preocupações giram em torno da saída da Grécia da zona euro, foi convocada uma reunião extraordinária esta manhã para...

Carmen muda de estação e começa a tocar música oriental. Ela arruma um pouco. Pepe e Mauricio voltam. Pepe voltou ao seu traje anterior, e Mauricio está vestido de forma semelhante a Pepe, muito rural.

Carmen – Ah, vocês estão ótimos assim.

Pepe – Outro gole?

Mauricio – Vamos lá! (*Pepe enche os copos*) Agora falta decidir o que fazer com a casa...

Pepe – Agora que nos conhecemos e apreciamos... por que não passamos as férias juntos, hein, Momo? Afinal de contas, somos amigos de infância, não?

Diana retorna.

Diana – Pronto. Deixei nosso endereço... (*Diana nota a troca de roupas de Mauricio*) Trocaste de roupa?

Carmen – Ah sim, ficou bem nele, não ficou? Ele parece mais jovem assim, não?

Sob o efeito do álcool, Mauricio parece bastante descontraído.

Mauricio – Pepe e Carmen nos convidam para passar as férias juntos, o que achas, querida...

Diana (*baixo*) – Escuta, Mauricio... A certeza de que temos muita coisa para aprender dos moradores de Villaverde, mas bem...

Mauricio – Vallecas.

Diana – Sim, bom, é a mesma coisa, não é?

Mauricio – Não é a mesma coisa, Diana!

Diana – Como sabes?

Mauricio – Eu estudei no Colégio Gagarin, com o Pepe. Sou o Momo, Diana. E se não gostas, aguenta-te.

Diana – O quê? Mas do que estás a falar?

Carmen – Que confissão!

Mauricio – Estou farto de mentir. Desde que te conheci, fiz tudo para me encaixar na imagem que esperavas de mim. E sobretudo na imagem que teus pais esperavam de mim! Mas já estou farto.

Diana – Mas estás delirando!

Mauricio – Até mudei meu nome por ti!

Diana – Mas não te chamas Mauricio?

Mauricio – Me chamo Mohamed. Vim aqui para encontrar minhas raízes! Para reconectar com meus ancestrais!

Diana – Ele está bêbado, é isso. Mas vamos, Mauricio, teus ancestrais são os Ibéricos.

Mauricio – Tenho sangue beduíno nas veias, Diana? Sou um homem do deserto! Um nómade! Não suporto mais os campos de golfe, entendes?

Carmen – Qual é a diferença entre um beduíno e um muçulmano?

Diana – Não lhe deis ouvidos, não está em seu estado normal...

Mauricio – No fundo sei que estou destinado a viver sob a tenda, no meio das areias. Não em um duplex no Paseo del Prado.

Diana – Perfeito! Então da próxima vez vamos passar as férias num camping à beira da praia.

Mauricio – Sou tuaregue, Diana! E tu me transformaste em... um turista!

Carmen, bastante bêbada também, acha por bem intervir para amenizar o clima.

Carmen – E se fizermos um churrasco ao meio-dia?

Pepe – Vês que não é o momento, querida... Às vezes falta-te um pouco de psicologia, sabes?

Carmen – Psicologia? Chama-me idiota também!

Pepe – Mas o que foi, querida?

Mauricio – Só faltam as salsichas.

Diana – Como?

Mauricio – Para o churrasco!

Diana – Nem sequer temos papel para acender.

Mauricio (*perdendo a calma*) – Temos os dracmas! Malditos dracmas! Não os vamos guardar para jogar Monopólio!

Mauricio começa a rasgar as notas e jogá-las no churrasco.

Escuro.

Acto 5

Mauricio, Diana, Pepe e Carmen voltam os quatro da piscina.

Pepe – Ah, que refrescante.

Mauricio – Sim, esclarece as ideias...

Diana – E o estômago... Aquelas salsichas estavam um pouco gordurosas, não?

Mauricio – Nem sabia que existiam salsichas em lata.

Diana – Temos de reconhecer que a piscina é magnífica.

Carmen – Bem, nós vamos mudar de roupa, Diana, vens? Vou passar-te algo para vestir de qualquer forma. Já tenho uma ideia clara do que poderia ser o teu estilo...

As duas mulheres saem.

Pepe – Mas como é que conseguiste esconder da tua mulher que eras muçulmano, Momo? Pelo que vi, continuas circuncidado, não é?

Mauricio – Disse-lhe que era judeu não praticante... E para ser credível, jejuo no Yom Kipur uma vez por ano.

Pepe – Ah, sim, claro...

Um momento.

Pepe – Um digestivo?

Mauricio – Vamos lá!

Pepe tira uma garrafa do frigorífico portátil e enche dois copos. Brindam.

Mauricio – Excelente! O que é isto?

Pepe – Ouzo. Temos muito em casa. Que tal um pouco de música?

Pepe liga o rádio. Depois de procurar um pouco, decide uma estação. Música árabe. Depois de um tempo, Carmen e Diana voltam. Diana está agora vestida num estilo sexy e um pouco vulgar, semelhante ao de Carmen.

Pepe – Ah, sim, ficaram ótimas!

Diana – O que achas, querido?

Mauricio está um pouco desconcertado. A música para.

Locutor – Interrompemos esta programação musical para uma notícia de última hora. Apanhou todos os analistas económicos de surpresa. O dracma voltou a ser a moeda oficial da Grécia esta manhã, após a sua saída do euro. Manteremos todos informados sobre as consequências desta decisão. Se têm dracmas esquecidos numa gaveta ou numa mala, é hora de os tirar...

Mauricio – Nós queimamos os nossos para acender a churrasqueira...

Locutor – E agora, um pouco de música clássica, neste dia de luto para a Europa...

Todos olham para a churrasqueira ainda a fumegar. O telemóvel de Diana começa a tocar. Mauricio desliga o rádio.

Diana – Sim... Sim? Ok... Muito bem...

Ela guarda o telemóvel. Os outros três estão atentos ao que ela vai dizer.

Diana – Alguém do consulado vai vir pessoalmente entregar-nos o nosso passaporte provisório...

Mauricio – E... mais alguma coisa?

Diana – E recolher a mala Vuitton. Andaram à procura dela por toda a parte desde esta manhã...

Mauricio – O consulado?

Diana – É a mala de um diplomata espanhol que está de férias aqui.

Mauricio – Aqui? Não será porque estava em promoção, certo?

Diana – Ele foi convidado para o palácio pelo ex-ministro da Justiça do ditador derrubado. Veio apoiar a sua candidatura presidencial...

Pepe – Com uma mala cheia de dracmas?

Diana – Afinal, foram os gregos que inventaram a democracia.

Mauricio – Mas foram os espanhóis que inventaram o financiamento oculto das campanhas eleitorais, o que dá charme à nossa democracia. Disseram mais alguma coisa?

Diana – Deixaram claro para não abriremos a mala. É uma Vuitton diplomática.

O som de uma sirene da polícia ao longe.

Mauricio – Acho que estamos em apuros...

Pepe – E nem sequer temos um carro para escapar.

Mauricio – A menos que montemos esses camelos ali e desapareçamos no deserto.

Diana – Tu que querias acordar o tuaregue que tens dentro, este é o momento.

O telemóvel de Carmen toca. Ela atende.

Carmen – Alô, sim? (*Colocando a mão na frente do auricular*) É o dono da casa. Pergunta se as nossas férias vão bem. O que digo?

O som de uma sirene da polícia próxima.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-231-9

Documento para download gratuito